

A GUERRA DE CANUDOS: QUEM NÃO FICOU CALADO, BOTOU FOGO!

José Carlos da Costa Pinheiro¹

RESUMO: Há exatamente oito anos, a Revista Canudos na sua edição v.9, n.1 jan./jun.2014, publicou uma entrevista de minha autoria intitulada: “Sobre uma Conversa com Renato Ferraz “, concedida pelo Mestre Ferraz, tive o privilegio de conviver, desfrutar e participar de inúmeras Roda de Conversas, papos informais e de reuniões com um caráter de maior formalidade, abordando a temática Antonio Conselheiro e a Guerra de Canudos e outros papos, nos hospedávamos constantemente no Hotel São Batista de propriedade do Sr. João Oliveira Dias (30/05/1906 -04/02/1992), mais conhecido como Senhor João Guerra. Canudos-Bahia. Ferraz, continuando sempre a estudar a Saga Conselheirista, gravou várias horas de entrevistas com testemunhas oculares do conflito e com parentes dos que vivenciaram a Guerra, também era muito requisitado para proferir conferências, dar aulas, participar de encontros e Seminários em muitas cidades do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Renato Ferraz, Vargas Lhosa, João Guerra, Antonio Conselheiro, Guerra de Canudos, Parque Estadual de Canudos, Relatório Técnico.

ABSTRACT: Exactly eight years ago, Canudos Magazine, in its edition v.9, n.1 jan./jun.2014, published an interview of my own entitled: “About a Conversation with Renato Ferraz”, granted by Mestre Ferraz, I had the privilege to socialize, enjoy and participate in countless Conversation Rounds, informal chats and meetings with a more formal character, addressing the theme Antonio Conselheiro and the War of Canudos and other chats, we constantly stayed at the Hotel São João, owned by Mr. João Oliveira Dias (30/05/1906 -04/02/1992), better known as Senhor João Guerra. Canudos-Bahia. Ferraz, always continuing to study the Conselheirista Saga, recorded several hours of interviews with eyewitnesses of the conflict and with relatives of those who experienced the War, he was also very requested to give conferences, teach classes, participate in meetings and seminars in many cities in Brazil.

KEYWORDS: Renato Ferraz, Vargas Lhosa, João Guerra, Antonio Conselheiro, Guerra de Canudos, Canudos State Park, Technical Report.

Renato José Marques Ferraz (22/09/1934-02/09/2002), era Historiador, Antropólogo, Pesquisador, dirigiu por mais de 16 anos o Museu de Arte Moderna da Bahia, trabalhou na Secretaria da Cultura e Turismo. Era detentor de profundo conhecimento dos sertões euclidiano, de Antonio Vicente Mendes Maciel, o Antonio Conselheiro (1830-1897) e da Guerra de Canudos (1896-1897), um dos criadores do Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC e do Parque Estadual de Canudos da

¹ Historiador, Advogado e Doutorando em Crítica Cultural - Pós- Crítica - UNEB - Turma Multicampi.

Universidade do Estado da Bahia-UNEB, requisitado para diversas palestras, seminários e concedeu entrevistas para vários jornais e revistas, coautor da Cartilha Histórica de Canudos ao lado de José Carlos da Costa Pinheiro e de Manoel Antonio dos Santos Neto em 1991. Publicação da Universidade do Estado da Bahia-UNEB e Prefeitura Municipal de Canudos. Foi fruto de uma louvável exigência da Lei Orgânica do Município de Canudos que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da História Municipal nas escolas, história notavelmente rica e indispensável à melhor compreensão de uma fase crucial da História do Brasil. Desse modo, não deixa também ser uma decorrência, concreta e palpável, das ações que desde 1985 a UNEB, através do Projeto Canudos do Centro de Estudos Euclides da Cunha-CEEC vem desenvolvendo na área.

É bom lembrar que: Ferraz por indicação do amigo e escritor Jorge Amado (1912-2001), acompanhou o jornalista, escritor e político peruano Mário Vargas Llhosa (1936 -), quando esteve colhendo subsídios pelo período de um mês nos sertões da Bahia, se preparando para a elaboração da sua obra literária a Guerra do Fim do Mundo que narra a história da Guerra de Canudos (1896-1897), mesclando personagens reais e fictícios. Prêmio Nobel de Literatura, 2010, Prêmio Miguel de Cervantes 1994, Prêmio Planeta 1993. Para Renato Ferraz a experiência com Llhosa foi positiva e enriquecedora, que ganhou um amigo precioso o qual, inclusive ajudou-o “a ver” Canudos por outros aspectos que lhe havia escapado.

Ressalto: O artigo de Ferraz publicado na Revista USP de Dezembro/Janeiro/Fevereiro de 93-94 Número 20, “O Centenário do Belo Monte e algumas reflexões sobre ficção e história.” Quando diz: “Destaco a segunda semana de junho do corrente ano, mais precisamente entre os dias 07/13/06/1993, a Universidade do Estado da Bahia - UNEB, liderando um conglomerado de outras Instituições, promoveu na atual cidade de Canudos uma extensa programação que visava assinalar o transcurso do Primeiro Centenário de fundação do extinto arraial do Belo Monte pelo grande condutor do povo sertanejo Antônio Conselheiro.”

Inserida, com certa desvantagem, no âmbito das festividades religiosas e profanas dedicadas a Santo Antônio, padroeiro da comunidade, a III Semana Cultural de Canudos terminou por constituir-se, segundo o dizer de muitos, na mais importante reunião de “Canudistas” realizada nos últimos anos no país. Na realidade, o êxito incontestável das palestras, conferências e mesas-redondas deveu-se não somente às notórias qualificações dos especialistas convidados, como à sua subordinação aos dois

grandes temas previamente propostos: quem foi Antônio Conselheiro e o que era o Belo Monte ou Canudos?

Por quatro dias, em auditório improvisado no Clube Vaza-Barris, uma plateia de estudantes, professores e interessados teve a oportunidade de, durante horas seguidas, discutir detalhadamente aspectos da vida e da “personalidade do beato cearense, da sua cidadela indomável e das multidões que o seguiram até a morte”.

Ferraz foi um dos criadores do Parque Estadual de Canudos-PEC. Criado pelo Decreto 33.333, de 30 de junho de 1986, o Parque Estadual de Canudos tem a finalidade de preservar a memória histórica da Guerra de Canudos. A Vila original de Canudos foi coberta pelas águas do Açude de Cocorobó, mas os 1.321 ha do Parque englobam uma área das margens do açude onde se desenrolaram momentos fundamentais da Guerra. (p.119)

Em meados da década de 90 concedeu-me uma entrevista a que intitulei: “Guerra de Canudos: Quem não ficou calado, botou fogo!”. Na oportunidade tratou de questões de grande relevância para um melhor entendimento da temática tão apaixonante e arrebatadora, como foi a Guerra de Canudos, para a historiografia baiana e brasileira.

O mestre Ferraz, retratou fatos como a Quebra das Tabelas em Natuba, atualmente Nova Soure e não em Bom Conselho, hoje Cícero Dantas, quando Antônio Conselheiro reuniu o seu séquito num dia de feira e autorizou arrancar das paredes e queimar os editais de cobranças de impostos, circunstância que envolveu o Juiz de Direito Arlindo Leoni (1869-1936). Bacharel em Direito pela Faculdade de Recife. Foi Juiz de Direito da Comarca de Juazeiro, foi um atuante político. Em 1923 era deputado, representando a Bahia na Câmara Federal, e que também estaria implicado no chamado “Incidente Desvalioso” referente ao madeirame encomendado em Juazeiro-Bahia, ao Coronel João Evangelista Pereira de Melo, para construção da Igreja do Bom Jesus em Belo Monte, cuja entrega não ocorreu no prazo estabelecido, até a mobilização de setores oligárquicos inquietos com o crescimento vertiginoso do povoado Conselheirista, que Euclides da Cunha trata em os Sertões.

Dá conhecimento também da 1ª Expedição a Canudos, sob o Comando do Tenente Pires Ferreira, do 9º Batalhão de Infantaria, em novembro de 1896, discorre sobre a 2ª Expedição sob a condução do Major Febrônio de Brito, que foi bastante polêmica, do ponto de vista dos desacordos entre o General Frederico Sólton e o

Governador Luiz Viana e as estratégias empregadas no combate aos Conselheiristas durante a derrota da 1ª Expedição.

Ferraz argumenta sobre os prováveis critérios para a escolha do Comandante da 3ª Expedição, o Coronel Antônio Moreira César, que tinha o apelido de o “Corta Cabeças”, que veio para a Bahia “lavar a honra do Exército Brasileiro” e dar um basta no enfrentamento com o séquito do Peregrino. Acreditava-se piamente na época que: “Todas as vistas esperanças convergem para o tino, bravura e perícia do Sr. Coronel Moreira César ” (1850-1897) e que resultou numa debandada geral da Expedição do polêmico Coronel, sendo alvo da chacota popular como documentou o Mestre José Calasans que ficou no livro *Canudos na Literatura de Cordel*, os versos do poeta João Melchiades Ferreira da Silva em *A Guerra de Canudos*.

Na entrevista Ferraz enfatiza a respeito do Barão de Jeremoabo, Cícero Dantas Martins, (1838-1903), poderoso proprietário de terra na região de Itapicuru, político influente, grande articulista, também tinha seus temores: “Via em Conselheiro, um elemento perturbador da ordem e do trabalho em sua região” que em verdade significava o pensamento dos numerosos proprietários locais.

Ferraz endossaria com absoluta certeza a narração de Euclides da Cunha (1866-1909) em “Os Sertões” por ser para ele a obra maior da literatura em língua portuguesa, a sua admiração era incomensurável pelo autor quando afirma: “Oitocentos homens desapareceram em fuga, abandonando as espingardas; arriando as padiolas, em que se estorciam feridos; jogando fora as peças de equipamentos; desarmando-se; desapertando os cinturões, para a carreira desafogada; e correndo pelas estradas e pelas trilhas que recortam, correndo para o recesso das caatingas, contos, aprovados, sem chefes...”.

Ferraz descreve ainda fatos como o que envolveu o Padre Sabino e o Coronel Tamarindo, *Parte de Combate: (Comunicação verbal ou escrita sobre um fato do interesse da Unidade ou do Militar)*, *Conjuntura da época*, *A Imprensa*, *Governo*, *Comitê Patriótico*, *Manifesto dos Estudantes de Direito e de Medicina*, *Parque Estadual de Canudos* e outros temas.

ALGUNS TRECHOS DA ENTREVISTA CONCEDIDA POR RENATO FERRAZ

Com a palavra Renato Ferraz: Chegando Antonio Conselheiro em Canudos no 1º semestre de 1893, talvez pudéssemos dizer quadrimestre de 1893. De 1893 a 1896, o prestígio de Antonio Conselheiro parece que aumenta, torna-se muito maior do que no tempo em que Antonio andava palmilhando os sertões, então, já não é mais Antonio Conselheiro que vai ver os seus seguidores, são os seguidores que vão ver Antonio Conselheiro e há uma verdadeira Romaria de indivíduos desde o Litoral Norte e dizem até do Ceará, Pernambuco, Alagoas e de todo canto, pessoas que vão a Canudos em Romaria ver Antonio Conselheiro, desses muitos ficam, outros já saem com a intenção de morar em Canudos. Há na tradição oral, uma lenda que mostra que havia um proselitismo de parte dos moradores de Canudos, aquela coisa, se fosse para Canudos, o rio tinha a ribanceira, o rio era de leite com as margens de cuscuz, havia e isso é um fato a ser esclarecido, se é que isso ocorreu, um interesse de levar o maior número de pessoas para Canudos, qual seria a razão desse interesse, eu acho que é uma razão importante a esclarecer, o fato é que com um aumento dessa população a fama de Canudos cresce o medo de parte dos que não eram partidários de Canudos também multiplica, as tão faladas incursões de bandos de jagunços pela região igualmente se expande e Antonio Conselheiro da mesma forma tem que ampliar a igreja para caber todo aquele povo, na impossibilidade de tornar maior a igreja, ele resolve fazer outra igreja e é a feitura dessa nova Igreja, da “Igreja Nova” como ficou conhecida, que gera a ocorrência que termina no envio de uma 1ª Expedição, dessa vez, do Exército Brasileiro, não mais da Polícia da Bahia contra Canudos.

Ora! Canudos está numa região de caatinga, conseqüentemente, de uma região desprovida de árvores de certo porte, para fazer cumeeiras, terças, outras peças de telhado de um edifício de dimensões bastante razoáveis, como seria a Igreja Nova, então essas peças de madeiras são encomendadas em Juazeiro, e ao que consta, o vendedor que era uma pessoa ligada as autoridades locais, se não era o Delegado era parente do Delegado ou coisa assim, vendeu, recebeu o dinheiro antecipadamente e vamos admitir até que, não houvesse desonestidade, talvez tivesse tido, até dificuldades de cumprir o contrato num prazo útil, dificuldade de conseguir madeiras ou madeiros das dimensões que o edifício da Igreja Nova necessitava.

É então que o pessoal de Canudos esperando, esperando e se mandava gente lá, eram promessas, é hoje é amanhã. Afinal, marca-se um dia, o povo sai todo, aqueles homens todos, para carregar nos ombros aquelas madeiras, isso fazia parte daquelas penitências de Antonio Conselheiro e chega lá, não vêm, não está pronta, marca outro dia, se vai de novo e parece que numa terceira vez o encarregado diz para o vendedor que da próxima vez que viesse e não tivesse a madeira que apelaria para a violência, que o mataria ou faria qualquer coisa do gênero, este homenzinho ao que consta, vai queixar-se ao Juiz que era o mesmo Arlindo Leoni do episódio de Bom Conselho, é indubitável porque existe um documento que Arlindo Leoni passa um telegrama terrorífico ao Governador Luiz Viana, vendo a cidade ameaçada de ser invadida pelo pessoal de Antonio Conselheiro, que, diga-se de passagem, não gozava de boa imagem aqui entre os Soteropolitanos, invadir, matar todo mundo e causar prejuízo, inclusive o texto desse telegrama conhecido da comunidade.

O Governador estava nessa época enfrentando problemas do gênero também na Chapada Diamantina, nós comprovamos isso no Arquivo da Polícia Militar, boa parte dos efetivos da Polícia Militar estava próximo na Barra da Estiva, Lençóis, então, resolve o Governador Luiz Viana, Conselheiro Luiz Viana, pai do Senador, apelar para o Comandante do 3º Distrito Militar, que equivalia hoje ao Comandante da 6ª Região Militar, que era por coincidência o General Sólon Ribeiro (1839-1900), sogro de Euclides da Cunha, ao que parecem, as relações do General Sólon Ribeiro com Luiz Viana, não eram muito boas e houve relutância do General em ceder tropas para ficar sob o comando do Governador, havia também o problema da Intervenção Federal, se no caso, de Tropas Federais terem de restabelecer a Ordem Pública no Estado, se também, não seria caso de Intervenção por incapacidade do governante, manter a ordem no seu Estado? Ele deveria pedir a Intervenção Federal, mas nesse caso, ele também perdia, seria afastado e uma autoridade designada pelo Governo Federal, passaria a comandar o Estado, isso me parece que é a origem do movimento chamado Autonomista Baiano.

Fato é, que de muitos contratempos e chega pra lá e chega pra cá, é que sai a 1ª Expedição conhecida como Expedição Pires Ferreira, que como o pedido vem de Juazeiro, sai centenas de soldados do Exército comandados pelo Tenente Pires Ferreira, para Juazeiro e lá, também, por razões que não estão até hoje muito claras, o Tenente é convencido a seguir em vez de guarnecer a cidade, como é, o que parece, que o Governador tinha mandado era que o Arlindo Leoni solicitava, era segurança

para a cidade, a cidade estava ameaçada de ser invadida, então, se a tropa vai é para guarnecer a cidade, mas, imediatamente, quase ao chegar, o Pires Ferreira foi convencido a seguir adiante e vai para Uauá, que estaria a menos de 50 km de Canudos. [...] Eu me eximo de falar, porque a descrição de Euclides da Cunha do encontro de Pires Ferreira com os jagunços, me parece perfeita, inclusive de que vinha os jagunços em forma de procissão com Bandeira do Divino, na frente cantando e rezando e o choque se dá quando alguns soldados estavam tomando banho no tanque, este tanque ainda está lá até hoje, em Uauá, e começam o tiroteio, deixe dizer, que a população civil, a população da cidade, já tinha evacuado a cidade, fugidos apavorados, uns dizem que, por causa das arbitrariedades cometidas pela tropa, botando gente para fora de casa para ocupar.[...] O Pires Ferreira, depois do choque, em que ele diz na Parte de Combate, que a partir disso a gente passa a ter relatos, relatos parciais, mas de qualquer forma relatos, porque de acordo com as normas militares o Comandante de qualquer Destacamento, de qualquer Unidade, tem que fazer uma Ata chamada Parte de Combate e ela é um relato mais detalhado possível que ocorreu, com horas, com o pessoal que foi envolvido, apreciações a respeito dos opositores, do número, distância, todas as dúvidas. Evidentemente que está é a visão do lado do Pires Ferreira, mas de qualquer forma é a visão de um lado, infelizmente não se tem a do outro lado, mas, pelo menos, tem de um lado.

A 2ª EXPEDIÇÃO

Sob o comando do Major Febrônio de Brito essa já é uma Expedição mais numerosa, ela se distingue da do Tenente Pires Ferreira, a meu ver, porque é maior, leva mais armas pesadas, de artilharia, canhões e metralhadoras, e também foi preparada, já a tropa do Pires Ferreira, parece ser mais um quebra galho, quando alguma cidade era ameaçada de ser invadida, juntava-se aí cem homens, pegava um Oficial e mandava para lá, para guarnecer a cidade. Mas, já de Febrônio, tem um caráter não de um grupo armado, que vai guarnecer ou garantir uma cidade, mas, uma expedição punitiva, vai para mostrar ao pessoal de Antonio Conselheiro, que o “Braço do Exército”, não pode ser pisoteado em vão.

Apesar e tudo isso, e aí também, outra característica da 2ª Expedição, é que, tornam-se mais ou menos públicos e acentuam-se, muitos desacordos entre a

autoridade militar e o Governador, porque o Governador dava uma ordem, o General dava outra.

E essa Expedição, já seguiu outro caminho, foi para Queimadas de trem, não foi mais para Juazeiro, tentando naturalmente atingir Canudos via Monte Santo, como fazem, aliás, as outras Expedições que sucedem.

Depois de marchas e contramarchas, ele segue e ao chegar à Serra do Cambaio, talvez não mais do que duas léguas de Canudos, dá-se um combate inicial, ele consegue debaixo de fogo galgar a Serra com a tropa e depois, embaixo, num lugar chamado Taboleirinhos, até que veio então, o episódio da Lagoa e sangue, que toma esse nome de Lagoa de sangue, porque, as pessoas na guerra, os mortos e feridos, são por perfuração, elas morrem geralmente por hemorragia, seja hemorragia interna ou externa e qualquer estudante de Medicina sabe que, hemorragia dá uma sede devoradora, há uma necessidade do organismo de repor os líquidos, água que se perde com o sangue, então, parece que os jagunços feridos se banham na Lagoa e aí morria, então, o resto do sangue tingiam as águas da lagoa e ficou esse nome, Lagoa de Sangue, porque originalmente teria outro nome.

Nesta 2ª Expedição e ao que parece mais do que na 1ª Expedição, as baixas infligidas aos jagunços, são incomparavelmente maiores do que, as baixas infligidas aos militares e nesse particular, eu descartaria a possibilidade de haver uma mentira, porque isso seria fácil de averiguar, a Expedição foi exterminada, não voltou ninguém e quando a Parte de Combate diz que, só foram quatorze ou quinze soldados, isso daria depois o seguinte: Os Regulamentos Militares eram rigorosos, quando tinha que dizer o nome dos mortos, os nomes dos feridos, isso está feito, o cálculo dos jagunços que morreram, bem esse ficava por conta do Comandante dos Oficiais e no caso, eles dão um número bastante avantajado, mas, curiosamente Febrônio de Brito não leu a Parte de Combate de Pires Ferreira, certamente não leu, porque Pires Ferreira aponta, desde o início, todas as deficiências, que o Exército tinha para lutar no sertão, caiu pelos mesmos e tem que retirar para Monte Santo.

A meu ver é outra característica da 2ª Expedição é que ela faz uma retirada estratégica, uma retirada organizada, dentro das normas militares, sem perder nenhum homem, sem correr, como foi o caso de Pires Ferreira, que saiu corrido e quem vem depois do Febrônio da 3ª Expedição, que foi a que mais correu, essa parece que, uma espécie de Maratona, segundo as próprias Partes de Combate. [...] A tática geral dos jagunços era caçada, era emboscar, atrair para um local favorável, toda estratégia

militar deles, isso para nós ficou claro e no Cambaio foi assim também a única vez em que eles se deram mal com isso, foi na 4ª Expedição com o General Savaget, na Serra do Cocorobó, quando Savaget, consegue dar uma carga de baioneta em cima da serra d consegue embaionar. [...] É o tal negócio, se a gente admitir isso, alguém que esteja do lado do Exército, pode dizer também, que quando eles correram, foi uma retirada estratégica, fato é que, corre soldados por toda parte, correram, fosse por estratégia ou não fosse, abandonaram o campo d uta porque não puderam segurar a coisa, isso foi á primeira vez, e uma das raras em que isso ocorreu e daí a admiração que eles tinham, e recebeu esse nome de Batalhão Talentoso pelo pessoal de Salvador. Bom! Mas o Major consegue retirar em ordem para Monte Santo e se refazer em Monte Santo, voltar para Queimadas o que não impediu que a Imprensa o chamasse de “Major Fujão”.

Com o retorno do Major Febrônio de Brito e o apelido de “Major Fujão”, isso para mim tem uma explicação clara, é uma coisa que eu posso, eu deveria deixar isso para o fim, mas não posso me furtar à tentação de dizer a vocês que se eu tiver que resumir o que eu penso realmente hoje, posso amanhã mudar, sobre as causas da Guerra de Canudos, eu diria a vocês que, as causas da Guerra de Canudos não estavam nem aqui em Salvador, quanto mais em Canudos, estavam no Rio de Janeiro, Canudos foi um pretexto, então, toda essa posição da Imprensa apelidos de “Major Fujão”, e procurando diminuir o Exército, que ali tinha naturalmente fatos, isso tinha objetivos políticos claros, era uma coisa “bolada” para desgastar, isso não influencia os , daí em diante, você pode ver as atitudes, é a honra do Exército que está em jogo e depois vira essa chargesinha nos jornais de “Major Fujão”, Antonio Conselheiro de cajado, ameaçando o Major e o Major correndo a frente do Conselheiro atrás com o cajado levando uma paulada nessa ordem que os militares não têm mito senso de humor para está/estar importando com esse tipo d coisa, então, resolvem dá um ponto final, ninguém no Exército estava mais preparado do que o Cel. Moreira César, esse a Imprensa não apelidou não, ele já veio com o apelido o “Corta- Cabeça”.

Esse homem realmente era uma personalidade curiosa e os fatos mostram que era porque da Guerra de Canudos, de todos os milhares de pessoas que andavam envolvidas, duas personalidades sobressaem Antonio Conselheiro e Moreira César. Na Tradição Oral inúmeras pessoas dizem que Moreira César que ganhou, que a última Expedição o General Artur Oscar não recuou, o mínimo de pessoas sabem quem foi Artur Oscar, quando não quando Moreira César morreu? Não! Eu acho que

ele voltou depois foi ele que venceu! Foi o César! Eu tenho gravação que, foi o César! Foi Moreira César que venceu! Tinha outro General também, mas o César que era madeira mesmo.

E o Moreira César que fazia jus a essa fama de homem desabrido, valentia quase alucinada porque era um homem que inclusive tinha perturbações psíquicas, pelo fato dele ser epilético, sabe-se hoje que a epilepsia não torna ninguém doido, não é doença mental, epilepsia é um distúrbio de natureza nervosa, mas que cria temperamentos instáveis, elementos que têm focos cerebrais, epilepsia é uma forma mais aguda de foco cerebral, são pessoas de temperamento instáveis, temperamentos psicoativos, que passam da euforia a depressão e o Moreira César, era um indivíduo de uma coragem desassomburada, machão, inclusive o que impressiona no sertão é o machismo de Moreira César, aquela história de herói, nada, nada impressiona mais do que o macho arretado, e Moreira César já chega quente, mal cumprimenta o Governador quando chega aqui, pede logo um trem para seguir, segue, lá vai como um louco e aí, tem uma série de histórias a respeito de Moreira César, ele foi realmente com Antonio Conselheiro, foram os dois grandes personagens do episódio Canudos que ficaram na memória do povo.

Ferraz conclui a entrevista afirmando que: Na Guerra de Canudos quem não ficou calado, botou fogo! Uns ficaram calados e outros mais fogo, até de dizer: mais era claro, é necessário exterminar de vez os inimigos da República, é necessário extirpar pela raiz esse câncer que ameaça corroer o nosso país, quer dizer, não era dizer olha! Precisa meter esse filho da mãe, todos na cadeia, esse bando de fanáticos, não! O negócio ia além, era arrasar, acabar, liquidar, não deixar nem carpinha, como a história do cavalo de Atila quando pisava não nascia mais grama, era isso que se pedia escancaradamente [...] Essas teimosias são feitas intramuros, faz-se uma cara bonita para fora, e lá nas reuniões secretas, os senhores generais, os chefes políticos vão dizer, que vai lá apaziguar, mas a ordem passada para os Oficiais é liquidar. [...] o próprio Comitê Patriótico, que depois de terminar a Guerra, tem gestos de generosidade e de humanidade, até edificantes, mas o Comitê Patriótico durante a Guerra foi feito para ajudar os soldados feridos e as famílias, daí a expressão patriótica, que era a Pátria que estava em perigo, o patriótico, porque senão seria o Comitê da Caridade, não, Comitê Patriótico, era a Pátria que estava em perigo, e aqueles patriotas estavam ali reunidos para ajudar a Pátria a se safar, é depois que as manifestações humanitárias, etc., se revelam, até a própria Igreja, a Igreja não deu um

pio, os senhores Bispos, Arcebispos, etc., não teve um que dissesse numa igreja, pessoal, para aí, vamos aguentar, somos irmãos, manda uma Comissão de Bispos lá para apaziguar esse negócio, saí o Exército, a gente vai lá, nada! O pessoal queria o extermínio de tudo.

RENATO FERRAZ UM ARTICULADOR CULTURAL

O Relatório a seguir de Renato Ferraz, descreve a sua visão sobre o Parque Estadual de Canudos – PEC, o funcionamento de suas instalações, bem como, o temor que o Sítio Arqueológico do Alto do Mário, um dos mais importantes do Parque, tenha sido alvo de destruição e devastação dos seus vestígios históricos, pela ausência de uma vigilância e fiscalização mais presente. Ferraz teve iniciativas como, contatos e reuniões realizadas com a Direção e Membros da Associação de Irrigantes do Vaza - Barris; outra ação foi a Exposição que o CEEC realizaria em Canudos, como parte dos eventos programados para o 05 de outubro de 1993.

Ferraz alguns anos tinha um projeto, que era de escrever um livro sobre Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos. Era sempre “cobrado” pelos amigos e estudiosos do tema, que aguardavam com uma grande expectativa o momento de lançamento da publicação da obra. O desejo de materializar o seu objetivo foi sendo adiado e o fato é que: o mestre falece em 2002 e o projeto não foi realizado. Por outro lado, temos recolhido alguns esparsos, artigos, gravações e trazendo para os amigos e leitores as suas ideias sobre um assunto que conversava e conhecia tão bem, e marcante para a historiografia baiana e brasileira. Renato Ferraz era um mestre quando se tratava do episódio Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos.

Ilm^o Sr.

Prof. Manoel Antonio dos Santos Neto

D.D. Coordenador do CEEC

Senhor Coordenador,

Estando a iniciar-se o segundo semestre do ano em curso, creio de alvitre levar à consideração de V.Sa. a situação em que se encontram as diversas frentes do Projeto Canudos, sob minha Coordenação. Embora considere que todos os temas a seguir

cogitados fazem parte de um mesmo todo, apenas por questão de sistemática aqui vão tratados isoladamente.

PARQUE ESTADUAL DE CANUDOS:

Embora a UNEB continue incumbida pelo Governo Estadual da sua implantação e gestão, nada, absolutamente nada, ali tem sido feito nos últimos (3 três anos). A ausência de qualquer atividade na área tem ensejado as invasões. Pelo menos duas já foram registradas e comunicadas por mim a V.Sa, à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e ao Magnífico Reitor- situação que tende a se multiplicar, com conseqüências imprevisíveis. Além disso, a resolução tomada pelos dirigentes Católicos de Canudos de levar a efeito uma Romaria anual no Alto do Mário, Sítio dos mais importantes do PEC, tem sido fator relevante na destruição e devastação dos restos históricos e arqueológicos que paradoxalmente, a reserva da área pretendeu evitar. Permita V.Sa lembrar que existindo Legislação Federal rigorosa que visa proteger e salvaguardar os bens artísticos, históricos e arqueológicos brasileiros, estando a UNEB como responsável pelos que se encontram no âmbito do PEC, não vejo como possamos explicar o tratamento negligente que tem sido dado a questão de tamanha relevância. De minha parte, até mesmo pelo envolvimento pessoal que tenho com o PEC. Muito estimaria receber de V.Sa. instruções a respeito.

INSTALAÇÕES PARA O PEC:

Tem V.sa. levado de vista o estado de semidestruição em que se encontra o imóvel que dispomos em Canudos, já por duas ocasiões arrombado e depredado, dada a fragilidade de suas portas e janelas. Não seria surpresa o desabamento do telhado escorado precariamente como medida de emergência que dura já dois anos.

A tentativa de obter do DNOCS a cessão da Casa de Hóspedes, esbarra nos problemas criados pelo Eng^o Carlos Sampaio que lá está residindo indevidamente e que não foram de nossa parte convenientemente enfrentados. Malgrado e visita feita pelo Magnífico Reitor acompanhado do Prefeito João Ribeiro Gama, e o então Diretor Regional do DNOCS Dr. Vladir Abdala, iniciativa que foi de destacada importância para o deflagrar, a falta de acompanhamento da tramitação do pleito e

certamente, a falta de respaldo político, fizeram com que não haja, decisão alguma do Órgão Federal até hoje.

A obtenção da Casa de Hóspedes para sediar as atividades que vimos desenvolvendo em Canudos e outras por serem iniciadas, é condição "sine qua non" para o sucesso do PEC, mas não vem tendo de parte da UNEB - talvez até da Prefeitura de Canudos - tratamento condizente.

SEMINÁRIO SÔBRE A PROBLEMÁTICA:

O epígráfico, foi prometido solenemente pelo Magnífico Reitor à Comunidade Canudense, em dezembro p.passado, para fevereiro do ano em curso. Posteriormente adiado, foi agendado na última reunião havida entre o Reitor e Prefeito para a primeira quinzena do presente mês. Embora saiba que não se realizou, oficialmente desconheço o assunto e nem mesmo sei se o Prefeito e o povo de Canudos receberam alguma explicação relacionada ao tema.

REUNIÃO NACIONAL SÔBRE O CENTENÁRIO DE CANUDOS:

Recebi, há dias, processo em que me são solicitados os endereços das pessoas e entidades a serem convidadas. Duas das personalidades arroladas são amigos pessoais e conheço seus endereços. Quanto aos demais, estou envidando esforços, sendo que a Profa. Walnice Galvão encontra-se ainda nos Estados Unidos. Minha opinião é que os Ofícios do Magnífico Reitor deverão, para que haja resposta favorável, ser entregue em mãos dos convidados por pessoa credenciada que lhes dê as informações sobre a Canudos a atual, situação das estradas, condições de hospedagem etc., sem as quais não creio que se abalancem a vir. Como quer que seja, fornecerei o mais rapidamente possível os endereços que puder conseguir.

Oportunamente: Convite da III Semana Cultural de Canudos que ocorreu no período 07/13/06/1993. ANO DO CENTENÁRIO. Apresentação: (sic) Comemorando o Centenário da Fundação do Belo Monte, atual Canudos, a Universidade do Estado da Bahia e a Prefeitura Municipal de Canudos promoverão a III Semana Cultural de 07 a 13 de junho de 1993, que contará com a participação de especialistas de renome, objetivando um debate cada vez mais profundo sobre temas historicamente

mais obscuros, tais como: “ O que era Canudos?” e “Quem era Antonio Conselheiro?”.

OUTRAS INICIATIVAS:

Além da ajuda prometida à Associação dos Agricultores, assunto do qual encarregou-se o Dr. Paulo Mendes e cuja situação atual desconheço, realizei contatos informais e uma reunião com a direção e membros da Associação dos Irrigantes do Vaza-Barris, durante a minha viagem do mês de maio. Os interessados transmitiram-me clara e objetivamente seus anseios de melhoria econômica, colocadas, sobretudo na atividade de pecuária leiteira que ora estão a iniciar. Prometi-lhes para o mês seguinte – junho - uma nova reunião que não foi possível efetivar dado que o Dr. Paulo Mendes teve que viajar para o Rio Grande do Norte e não faria sentido prosseguir os entendimentos sem a presença de um Técnico do Setor Econômico.

Uma iniciativa em marcha é a exposição que o CEEC realizaria em Canudos, como parte dos eventos programados para o 5 de outubro. O Teatro Castro Alves já colocou à disposição os painéis para a montagem e o Dr. Trípoli Gaudenzi já providencia - segundo informou-me hoje - molduras, vidros e demais apetrechos necessários à apresentação dos trabalhos de sua autoria. Quanto às fotos e documentos que o CEEC pretende concomitantemente exibir ainda não foram tomadas quaisquer providências, por motivos que V.Sa conhece. Como uma mostra de arte é tarefa trabalhosa e delicada, imagino que seja necessário agir com presteza no tocante à seleção e preparo do material que vai ser montado.

SUGESTÕES:

Atendendo solicitação de V.Sa. permito-me sugerir:

COM RELAÇÃO AO ITEM 1: Que a UNEB, através do CEEC assuma efetivamente as responsabilidades que lhe foram atribuídas pelo Governo Estadual com relação ao PEC, ou renuncie definitivamente a elas. A esdrúxula situação atual somente agrava o processo de destruição da área pelo fato de que oficialmente é a UNEB a responsável pelo Parque Estadual de Canudos, mas na prática não é ninguém porque

sequer temos lá um único funcionário a vigiar tão valioso patrimônio. É indispensável à presença mensal do Coordenador do PEC, ou de alguém que lhe faça as vezes, em Canudos, assim como dar início a uma discussão com a Comunidade, técnicos e autoridades que permita tomar a decisão de transformar o imóvel em um ecomuseu ou algo semelhante, que permita preservar o que lá existe. Certo é que urge providenciar e deliberar sobre o PEC.

COM RELAÇÃO AO ITEM 2: Estou convencido de poder ajudar grandemente a obtenção da Casa de Hóspedes, devido a relacionamentos que possuo com autoridades que têm poder de decisão sobre o caso, bem como a boa convivência que sempre mantive com os funcionários do DNOCS, inclusive o Dr. Carlos Sampaio. Apenas aguardo instruções e uma delegação de poderes.

COM RELAÇÃO AO ITEM 3: Sugiro que seja marcada nova data para o Seminário cuidando para não colidir, com a Reunião Nacional sobre o Centenário.

COM RELAÇÃO AO ITEM 4: Proponho que vá o Magnífico Reitor ou o Vice a São Paulo, acompanhado do Coordenador do CEEC, insistir junto aos convidados pelas suas presenças. A reunião somente alcançará os fins desejados presentes um mínimo de especialistas de notoriedade nacional e infelizmente, no caso, são muitos os já de idade avançada que relutarão em vir para uma pequena e desaparelhada cidade perdida nos sertões da Bahia.

COM RELAÇÃO AO ITEM 5: Creio que tão logo o Dr. Paulo Mendes consiga uma vaga nos seus afazeres de Assessor Especial, ira a Canudos retomar os contatos com a Associação dos Caprinocultores e iniciar os trabalhos com a Associação dos Irrigantes. Sugiro um entendimento com o referido colega, a fim de precisar a época em que poderá nos dar essa colaboração.

Com relação à exposição, é urgente iniciar o processo de coleta e escolha do que pretendemos mostrar, sendo que, prevalecendo a(à) ideia da apresentação das fotos de Flávio de Barros, é indispensável viajar a Monte Santo.

PROGRAMAÇÃO DE VIAGENS:

Diante do quadro de dificuldades e incertezas que são de hábito em nosso trabalho, penso não ser viável sugerir-lhe datas para as viagens. Entretanto, não vejo como possamos prosseguir com a programação já em curso, sem que o Coordenador do PC viaje um mínimo de dez dias a cada mês, a partir dos últimos dias deste.

*De V.Sa. muito cordial e atenciosamente,
Renato Ferraz - Coordenador do PC*

Em tempo: A Tarde em seu Caderno Cultural de 25/05/2002, publicou um artigo de minha autoria intitulado: “Mestre jamais avaro no saber”, em que eu homenageava José Calasans Brandão da Silva, (14/07/1915 - 28/05/2001). Mestre José Calasans. E Renato Ferraz em virtude da doença que fora acometido, só estava se comunicando através da escrita, leu o meu artigo lá em sua casa em Esplanada-Bahia em 30/06/2002 e escreveu:

Pinheirinho,

Gostei muito seu artigo sobre Calasans. Êle ressalta, sem pieguice, aquilo que eu acho ter sido o traço mais marcante do caráter do nosso velho Mestre e amigo: a generosidade.

Parabéns e um abraço

RF

O meu amigo Ferraz faleceu dois meses depois, 02/09/2002.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Lizir Arcanjo. **Humor e Sátira na Guerra de Canudos**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, EGBA, 1997.214p.:il.—(Coleção Apoio, 19).

BOAVENTURA, Edivaldo. **O Parque Estadual de Canudos**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 1997.9 Edição Rememorativa do Centenário da Guerra de Canudos.

CUNHA, Euclides da. **Obra Completa**: Volume II. Estudo liminar Ciclo d'Os sertões Apêndice. Rio de Janeiro, Editora Aguilar S.A.,1995.

Ferraz, Pinheiro, Santos Neto. **Cartilha Histórica de Canudos** - Universidade do Estado da Bahia/UNEB, Prefeitura Municipal de Canudos 1991.

PINHEIRO. José Carlos da Costa, **Revista Canudos** v.9, n.1, jan./jun.2014. Sobre uma Conversa sobre uma conversa com Renato Ferraz. Revista Canudos/Universidade do Estado da Bahia. Centro de Estudos Euclides da Cunha.- v.1,n.1 (jul/dez.1996)- A Revista sofreu descontinuidade na sua publicação desde 2001. Universidade do Estado da Bahia, Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação. Centro de Estudos Euclides da Cunha - CEEC.

Arqueologia histórica de Canudos: Estudos preliminares/Universidade do Estado da Bahia.Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós- Graduação. Centro de Estudos Euclides da Cunha - CEEC.92 p.: il.

Universidade do Estado da Bahia. Centro de Estudos Euclides da Cunha. **Arqueologia e reconstituição monumental do Parque Estadual de Canudos**./UNEB/CEEC.- Salvador: UNEB 2002. Etapa I- Parque Estadual de Canudos; Etapa II- O Salvamento Arqueológico Emergencial do Arraial de Canudos.